

Pipoca pedagógica

O ano era 2009. Estava recém-formada em Pedagogia e sai do curso com uma visão bem romantizada da profissão de que poderia mudar o mundo. Fui indicada por uma amiga para uma vaga em uma escola particular nova (judaica) e fiquei muito animada, pensando que seria meu primeiro emprego de "verdade", pois até então só havia feito estágios.

Fui contratada como assistente de ensino na área de Língua Portuguesa (a escola era trilingue) e minha função, basicamente, era auxiliar as professoras titulares responsáveis pelos 5ºs anos. Participei das reuniões pedagógicas antes de começarem as aulas e estava bem empolgada com a proposta da escola e com o quanto poderia aprender. Estava... Até as aulas começarem e eu perceber que eu fui contratada para: acompanhar os alunos em horários de entrada, intervalo, almoço, saída, nas aulas com os especialistas, na organização e confecção de materiais solicitados pelas professoras, entre outras atividades bem distantes da prática de sala de aula que eu esperava.

Em um desses momentos, acompanhando os alunos, eis que surge o seguinte diálogo:

– Esse fim de semana fomos na casa do David, na casa dele tem um tobogã de 3 andares (...)

– O tobogã da minha casa é maior que o da casa dele.

(...)

– No próximo feriado, nós vamos viajar às 06h. Que horas você vai?

– Ainda não sei a hora do nosso voo.

Resolveram me incluir na conversa e perguntaram se eu também viajaria no feriado. Eu disse que não e perguntei para onde eles iriam. Ambos apresentaram uma cara de espanto e disseram:

– Para Miami! Todo mundo vai para Miami noS feriadoS.

Eu ri e disse que nunca tinha viajado para fora do Brasil. Eles foram categóricos:

– TODO MUNDO viaja para Miami. É IMPOSSÍVEL que você nunca tenha ido.

Nesse momento eu percebi que essa era uma realidade que eu imaginava que existisse, mas só acreditei, de fato, quando estive ali frente a ela. Nesse momento percebi que infelizmente aquelas crianças cresceriam alienadas acreditando que, na vida, todos têm as mesmas oportunidades que elas. Nesse momento eu entendi que ali não era o meu lugar.

Depois de três meses, me demiti. E o que eu acho mais triste é que até hoje não conheço Miami.

Luciana Correia de Melo Silva